

ANDRÉA DEL FUEGO  
OS MALAQUIAS

PRÉMIO LITERÁRIO  
JOSÉ SARAMAGO 2011  
FUNDAÇÃO CÍRCULO DE LEITORES

# 1



Serra Morena é íngreme, úmida e fértil.

Aos pés dela vivem os Malaquias, janela com tamanho de porta, porta com autoridade de madeira escura.

– Corre, Adolfo!

Donana pedia ajuda ao marido, ele cravou o machado na lenha e foi acudir. A bacia brilhava no fundo da cisterna, Adolfo desceu a corda com o balde amarrado na ponta, o encaixou na bacia e foi arrastando-a de volta pela parede. A mulher não fazia mais o pesado, com osso quebradiço, passou a benzer espinha de criança e com reza ganhava fubá, café e leite. Branca rosada, lábio fino. Tirando os Malaquias, os habitantes eram pardos como mamíferos silvestres.

As crianças fizeram um círculo em torno do poço, o lençol freático refletia três pares de mãos, cada par moldurando dois brilhos e um nariz: Nico tinha olho azul, nove anos. Antônio, miúdo, seis. Júlia, barriguda, quatro.



## 2



Todos se recolheram, a noite ia grossa, o vento afrouxava as janelas. As telhas vibravam, num mínimo gesto a tempestade nasceria dentro da casa. Os pais dormiam em um quarto. Nico, Júlia e Antônio em outro, na mesma cama, aninhados em forma de embrião.

Um gato esticou as pernas, as paredes se retesaram. A pressão do ar achatou os corpos contra o colchão, a casa inteira se acendeu e apagou, uma lâmpada no meio do vale. O trovão soou comprido até alcançar o lado oposto da serra. Debaixo da construção a terra, de carga negativa, recebeu o raio positivo de uma nuvem vertical. As cargas invisíveis se encontraram na casa dos Malaquias.

O coração do casal fazia a sístole, momento em que a aorta se fecha. Com a via contraída, a descarga não pôde atravessá-los e aterrar-se. Na passagem do raio, pai e mãe inspiraram, o músculo cardíaco recebeu o abalo sem escoamento. O clarão aqueceu o sangue em níveis solares e pôs-se a queimar toda a árvore circulatória. Um incêndio interno que fez o coração, cavalo que corre por si, terminar a corrida em Donana e Adolfo.

Nas crianças, nos três, o coração fazia a diástole, a via expressa estava aberta. O vaso dilatado não perturbou o curso da eletricidade e o raio seguiu pelo funil da aorta. Sem afetar o órgão, os três tiveram queimaduras ínfimas, imperceptíveis.

Nico acordou e não saiu da posição, tenso, esperou o dia. A chuva não impediu que a noite clareasse, o galo ficou mudo. No quarto dos pais o sol entrou pelas telhas destruídas, o casal estava enrijecido sobre a cama, mas ninguém diria que uma faísca de fogo os havia cozido por dentro. O colchão e a borda das telhas ficaram enegrecidos, Nico foi até lá e se deu conta do embate entre luz e carne. Antônio abriu os olhos, em choque. Júlia estava alerta, mas não se mexia, não levantou a pálpebra, Nico a deu por morta. Ele puxou Antônio pela mão, atravessaram a sala, seguiram pela trilha que os deixou na porteira. Os dois ficaram sentados debaixo de um arbusto.

Antônio cutucou o braço de Nico, a perturbação era fome. Nico voltou, a provisão mais acessível foi uma rapadura, que ele enfiou no bolso molhado. Ouviu barulho no quarto, era Júlia assustada. Mal desceu da cama e Nico a alcançou, pegou-a no colo, as pernas compridas batiam no joelho dele.

Antônio roeu a rapadura, os outros se recolheram um com outro. Vacas se ergueram no fim da estrada, atrás delas um adolescente segurando um galho, água gelada pingava do chapéu, estiou. Os irmãos tremiam, lábio roxo, pés frios.

– Nico!

Timóteo era empregado de Geraldo Passos, dono da Fazenda Rio Claro. Timóteo foi até a casa dos Malaquias, entrou e voltou correndo. Disse nada, montou os três no cavalo sem arreio que vinha junto à boiada e continuou o trajeto. Assim que Geraldo viu os três em escadinha, mandou a velha empregada trazer café.

– Timóteo, amanhã você leva os pequenos pro lar da irmã francesa, lá na cidade. O maior fica comigo.

Dormiram os três juntos no tapete, em espiral estreita, ao lado da cama de Timóteo. Antes de saírem do quarto, Nico botou o resto da rapadura no bolso da irmã.

– Não chora, vou buscar vocês.

A pequena enxugou o rosto com a barra do vestido e a rapadura caiu. Antônio a pegou do chão e guardou no bolso dele,

censurando a irmã. Timóteo levou Antônio e Júlia a cavalo. Seis horas de viagem até a pequena cidade.

– De onde são? – veio a irmã Marie.

– Os pais foram esturricados, caiu trovão na casa. O mais velho ficou na Fazenda, seu Geraldo pegou o menino pra ele.

Marie levou os dois para um pátio, esperariam ali até que se ajeitasse uma cama em um dos quartos.



### 3



– Deixa ver tua boca.

Nico abriu e revelou uma amígdala inflamada.

– Tizica, pega um mato pra chá que ele tá com dor de garganta. Amanhã ele começa no café – ordenou Geraldo.

Tizica cuidava da casa e tirava o que podia de uma espiga de milho: angu, fogo, papel de tabaco, óleo, curau. Tratou de Nico com uma erva qualquer, fingiu dar a ele o unguento certo. Deixou que a garganta inflamasse até um limite possível, assim ele não trabalharia debaixo de sol. Tizica levava bolo para o quarto e especulava Nico.

– Como ficou o corpo da tua mãe?

A empregada não descansava desde a chegada do menino, numa manhã foi ter com o patrão.

– Vou ficar com o Nico.

– Ser teu filho vai mudar nada, boto ele pra trabalhar do mesmo jeito. Amanhã ele vai ajudar Osório pentear o café no terreiro.

Dia seguinte, Tizica veio dizer que o garoto estava febril, que daquele jeito não ia render, nem adiantava, ia dar mais trabalho.

– Nico já perdeu uma mãe. Na tua idade, não demora ele perde outra – respondeu Geraldo.

Os dias correram, Nico levava para o cafezal o almoço dos trabalhadores. A febre se mantinha, vestígios do raio ficaram nos olhos,



cintilando. Numa madrugada, levantou-se e foi à cozinha, a lenha em brasa deu um halo vermelho ao menino, os sabugos de milho estalavam no calor do fogão, o filtro de barro era seco e vazio.

– Vai deitar, moleque – disse Tizica, de camisola.

Ao encostar nele percebeu a febre, mais um pouco matava as enzimas que transformam farinha de trigo em célula humana. Foi à cisterna puxar um balde com água. Levou com ela o garoto, que sorveu o frio madrigal. Molhou a nuca, os braços, testa, por fim todo o balde pelo corpo magro. Levantou a camisa dele, deixando o pulmão tomar raios lunares.

– Vai te esfriar.

Tizica ouviu barulho no mato, podia ser lobo indo sondar galinhas. Fosse, Geraldo sairia com a espingarda. Questão de minuto e o patrão engatilhou no alpendre. Não viu os dois no terreiro, Nico tinha adormecido no colo de Tizica, ela estava sentada, imóvel. O barulho se aproximou, Nico gritou com o tiro. O lobo caiu perto das cebolinhas.